

A EXTINÇÃO DOS “PEQUENOS”

27-09-97

[Debate sobre tamanho da propriedade agrícola esquece que o mais importante é a forma de organização]

[Na realidade, o que está ameaçado de extinção nas agriculturas desenvolvidas é o trabalho assalariado]

Quando se afirma que o Brasil exagerou em inchar suas cidades com mais 100 milhões de habitantes em apenas meio século, sempre aparece alguém mais realista para retrucar que essa é uma tendência inelutável da modernização. E logo ouve-se o refrão: afinal, a população rural do celeiro do mundo, os EUA, é de apenas 3%!

Trata-se, infelizmente, de um grosseiro equívoco. Depois de se estabilizar no final da década passada em torno dos 23%, a população rural dos EUA passou inclusive a dar sinais de estar aumentando. O tal estribilho dos 3%, que muitos adoram repetir, refere-se à população residente em estabelecimentos agrícolas como parte do total da população daquele país. E, mesmo assim, nossos realistas estão desatualizados: 3% foi em 1980. Hoje, os americanos que moram em *farms* devem ser menos de 1,9%, nível atingido em 1990, quando 4,6 milhões de pessoas residiam em 2 milhões estabelecimentos agrícolas.

Mas qualquer turista que tenha visitado um povoado rural de país desenvolvido e conversado com as pessoas que ali estão ocupadas em postos de gasolina, lojas, açougues, hotéis, etc., certamente percebeu o quanto é frequente que também lidem com a produção agropecuária. E como poucos preferem morar no campo, a população residente em *farms* é bem inferior à população que trabalha na agricultura, e uma ínfima parte do conjunto da população residente no meio rural. Cerca de um décimo no caso americano.

Um outro equívoco, umbilicalmente ligado ao primeiro, é o que pontifica a também inelutável “extinção do pequeno produtor”. Quase toda semana os suplementos agrícolas dos grandes jornais brasileiros e algumas revistas especializadas martelam que o “desaparecimento do pequeno será rápido.” Neste caso o equívoco é ainda mais curioso, pois envolve um primário lapso lógico. Se todos os tais “pequenos” falissem, outros, que hoje são maiores, viriam a ser considerados “pequenos,” e eles não estariam extintos...

Além de boba, essa profecia sobre a extinção dos “pequenos” produtores também revela um profundo desconhecimento da dinâmica agrícola dos países que conseguiram se desenvolver. Lá, os que sumiram não eram necessariamente “pequenos”. Foram paulatinamente saindo do setor agropecuário os que não puderam manter o ritmo imposto pelo tapete rolante da inovação tecnológica e nem descobriram maneiras de combinar seu ganha-pão básico com outras atividades que pudessem complementar a renda familiar obtida no sítio ou na chácara.

Uma olhada nas estatísticas americanas permite perceber o quão estereotipada é a visão dos profetas da extinção. [ver tabela] No final dos anos 80, os tais “pequenos,” cuja produção anual atingia valores inferiores a 40 mil dólares, ainda eram mais de 70% dos agricultores. Em 1988, a renda familiar média desses agricultores esteve próxima dos 30 mil dólares. E essa renda não foi determinada pelo tamanho. Os

agricultores “minúsculos”, com receita inferior a 5 mil dólares, tiveram uma renda familiar semelhante à dos agricultores “quase-médios”, com faturamento entre 20 e 40 mil dólares, enquanto os dos estratos intermediários ganharam menos.

Há quem diga que os tais “pequenos” só sobrevivem porque mamam subsídios nas tetas da política agrícola americana. Mais uma asneira. Em 1988, os pagamentos governamentais só representaram mais de um quarto da renda familiar dos agricultores “grandes”, aqueles com faturamento entre 40 e 200 mil dólares. Mas seu peso foi irrisório - menos de um vigésimo - tanto entre os “muito pequenos” (menos de 10 mil dólares de receita anual), como entre os “gigantes” (mais de 500 mil dólares de receita anual).

O leitor deve ter notado que todos os qualificativos de tamanho usados para classificar os agricultores estão cuidadosamente grafados entre aspas. É que seu uso, além de gerar muitos enganos, apoia-se em um sério mal-entendido: a idéia de que na agricultura a dimensão é mais importante que a forma social de organização. Na realidade, o que está ameaçado de extinção nas agriculturas desenvolvidas é o trabalho assalariado. E o que se consolidou foi a empresa agrícola baseada no trabalho familiar, que pode ser encontrada em tantos tamanhos quantos forem os gostos da freguesia.

Como se sabe, mal-entendidos jorram continuamente de várias fontes. Neste caso, a fonte é claramente ideológica. Corresponde ao desejo de ofuscar as vantagens econômicas, sociais, culturais e políticas da emergente preferência da sociedade brasileira pela agricultura familiar. E só ajuda os que pretendem reforçar a legitimidade do tradicional poder dos ruralistas.

RENDA FAMILIAR MÉDIA DOS AGRICULTORES ESTADOS UNIDOS, 1960 e 1988

Receita anual (mil dólares)	Número de Agricultores (porcentagens)		Renda Média Familiar (mil dólares)	
	1960	1988	1960	1988
Menos de 5	62,2	34,2	3,6	30,7
de 5 a 10	16,7	12,7	5,0	27,4
de 10 a 20	12,5	12,5	6,7	25,7
de 20 a 40	5,7	11,4	11,2	31,7
de 40 a 100	2,3	14,5	16,5	43,4
de 100 a 200	0,6	9,8	31,4	88,7
de 200 a 500	-	3,5	-	178,1
Mais de 500	-	1,4	-	780,5
Total	100,0	100,0	5,1	52,8

Fonte: U.S. Department of Agriculture 1989.

